

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



UM TEATRO ADEQUADO

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

MESTRADO EM TEATRO - ESPECIALIZAÇÃO EM TEATRO E COMUNIDADE

ANA MACIEL DIAS

Amadora, Setembro/2022

UM TEATRO ADEQUADO

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

ANA MACIEL DIAS

Relatório de Estágio submetido à Escola Superior de Teatro e Cinema para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Teatro - especialização em Teatro e Comunidade, realizada sob a orientação científica de Rita Wengorovius Professora Especialista em Teatro e Comunidade.

Amadora, Setembro/2022

Agradecimentos

Sinto uma profunda felicidade ao saber que o mundo continua cheio de pessoas boas e belas. Deixo um agradecimento ao Agrupamento Gil Vicente, especificamente aos alunos, professores, auxiliares, ex-coordenadora e coordenadora da Escola de Santa Clara e Escola do Castelo, por quem fui acolhida com felicidade.

Um enorme abraço aos participantes do Clube de Teatro Adulto A e B de 2022 e ao seu magnífico encenador Tiago Vieira. E aos incrivelmente talentosos atores da turma de Teatro da Universidade Sénior 2021-2022, juntamente a Marisa Moura, coordenadora da Universidade Sénior Saber Maior.

Um grande obrigada à Professora Rita Wengorovius não só por aceitar ser minha coordenadora, mas também, por me aceitar no mestrado e iluminar o meu caminho neste que é o percurso brilhante do Teatro e Comunidade, e das maravilhas que pode fazer ao mundo.

Uso este espaço para agradecer à companhia Teatro da Garagem por me acolherem como parte da equipa, Ana Palma, André Mateus, Carlos J. Pessoa, Mafalda Ferraz, Raquel Matos e Vítor Vieira.

Como sempre um monte de abraços à minha INCRÍVEL família, que sempre me apoiou e, sem a qual eu não seria quem sou! VOCÊS SÃO O MÁXIMO!!!

Um agradecimento à minha companheira de mestrado e estágio Mariana Índias, que sempre me ajudou. Que este seja o início de muitas colaborações.

E, por fim, mas apenas porque para o fim ficam os melhores, um ENORME agradecimento à Ana Palma. Aprender com ela tem sido um privilégio, um prazer. Trabalhar com ela é uma aprendizagem sem fim. Obrigada por nos fazeres parte da família do Serviço Educativo.

Estes são alguns dos nomes que me rodearam neste caminho, nesta vivência, nesta tese. Mas, caso me conheçam, deixo-vos um grande obrigada, sem cada um de vocês, não teria chegado tão longe.

O desafio de escrever sobre o que fazemos exige uma dupla ação, responsabilidade e aproximação de melhores palavras/conceitos, para que nossa filosofia de trabalho não fique limitada por quem só terá a possibilidade de nos ler. (MORAES, 2004: 51)

Resumo

Neste relatório relato várias situações com as quais tive a oportunidade de me deparar no Estágio com o Serviço Educativo do Teatro da Garagem. O contacto com comunidades de diferentes contextos e faixas etárias enquadrados nos diferentes projetos, criaram vários desafios que me levaram a questionar sobre o que está correto ou errado ao orientar uma sessão de teatro.

Ao longo do Estágio comprovei que para cada um dos projetos foi necessária uma abordagem diferente, um cuidado único, desde a preparação da sessão e observação do grupo até a improvisação, consoante os novos fatores com que nos deparamos durante a sessão.

Procuo com este relatório uma reflexão sobre os processos de cada projeto, considerando o seu contexto, faixas etárias e indivíduos, pois, como diz a expressão, “cada caso é um caso”, e deve ser tratado como tal. Tenho como objetivo deste relatório a procura de *Um teatro adequado* para cada uma das situações com que me confronto no Serviço Educativo do Teatro da Garagem

O trabalho partiu da observação, experimentação e investigação baseando-se no Método Indutivo¹, que consiste numa pesquisa que parte “do particular para o geral”, isto é, da observação para a descoberta, para depois generalizar os fenômenos iguais.

Palavra-chave

Teatro da Garagem; Serviço Educativo; Relatório; Teatro e Comunidade; Educação

¹ A aplicação deste método é atribuída a Francis Bacon, sendo dividida em três fases por Izequias Santos. “o método indutivo é uma ferramenta que conduz o pesquisador(a) a observar a realidade para fazer seus experimentos e tirar suas conclusões, sendo por isso um método bastante usado nas ciências em geral.” (OLIVEIRA, 2011: 31)

Abstract

In this report I report several situations with which I had the opportunity to come across in the Internship with the Teatro da Garagem's Educational Service. The contact with communities from different contexts and age groups, framed in the different projects, created several challenges that led me to question what is right or wrong when directing a community theater session.

Throughout the Internship I realized that, for each of the projects, a different approach was necessary, a unique care, since the preparation of the session and observation of the group, to improvisation, according to the new factors that we faced during the session.

I seek with this report a reflection on the processes of each project, considering its context, age groups and individuals, because, as the expression says, "each case is a case", and should be treated as such. The aim of this report is to find a suitable theater for each of the situations I face in the Educational Service's projects

The work started from observation, experimentation and investigation based on the Inductive Method², which consists on a research that starts "from the particular to the general", that is, from observation to discovery, and then generalizes the equal phenomena.

Keyword

Teatro da Garagem; Educational Service; Report; Theatre and Community; Education

² The application of this method is attributed to Francis Bacon. This method was divided into three phases by Izequias Santos. "The inductive method is a tool that leads the researcher (a) to observe the reality to make his experiments and draw his conclusions, being therefore a method widely used in the sciences in general." (OLIVEIRA, 2011: 31)

Abreviaturas

SE – Serviço Educativo

TC - Teatro Comunidade

EE – Encarregado de Educação

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	3
RESUMO	5
ABSTRACT	6
ABREVIATURAS	7
INTRODUÇÃO	9
O QUE É ISTO DE UM TEATRO ADEQUADO?	9
TEATRO DA GARAGEM	10
ESTÁGIO NA COMPANHIA	11
SOFIAS – TEATRO NO RECREIO	11
AO PALCO	17
<i>Instituição / Burocracias</i>	18
<i>Substituições</i>	19
<i>Calendário</i>	20
<i>Horários</i>	21
<i>Nomes</i>	22
<i>Professores</i>	23
<i>Alunos</i>	25
<i>Encarregados de educação</i>	27
<i>Produto Final</i>	29
UNIVERSIDADE SÉNIOR	32
<i>Calendário e Horários</i>	32
<i>Aquecimento</i>	33
<i>Respeito mútuo</i>	34
<i>Aceitação:</i>	37
<i>Objetivo:</i>	38
CLUBES DE TEATRO	40
CONCLUSÃO:	44
BIBLIOGRAFIA	45
WEBGRAFIA:	46
ANEXOS	47

Introdução

O que é isto de Um Teatro Adequado?

Este relatório tem foco numa Reflexão sobre o meu estágio com o SE do Teatro da Garagem, numa procura diária pelo que achei correto chamar de Teatro Adequado.

Várias pessoas com várias formações, orientam sessões de teatro para várias idades e funções, porém, não existe sempre todo o cuidado e seriedade necessários para a execução desta função.

O teatro trabalha, dentro de várias outras qualidades, a libertação, aceitação e exposição do Eu. Se algo tão sensível como o Eu for mal utilizado pode contribuir para uma verdadeira humilhação e transtornos diários para o participante. Medo do palco reflete-se no medo de expor uma opinião em público e da receção e reação dos que a ouvem. O medo de falhar, reflete-se na autocensura antes de tentar que é associada a momentos vividos anteriormente. Tudo isto se acentua se for em frente a uma plateia.

Orientar uma sessão de Teatro e Comunidade com crianças é muito diferente de uma sessão com adolescentes, adultos ou séniores. Para que todo o cuidado seja tomado, as sessões deveriam ser orientadas por pessoas formadas com especializações específicas. Para além deste cuidado é, no meu ver, da maior importância a adequação de cada sessão a cada comunidade específica. Tirando partido do melhor que cada participante tem e do que o teatro tem para lhe dar.

Neste Relatório procuro *Um Teatro Adequado* para cada projeto sobre o qual me propus refletir, especificamente nos projetos: Sofias – Teatro no Recreio, Ao Palco, Clubes de Teatro e Universidade.

A vivência dos indivíduos da pandemia cria uma nova condição para cada comunidade que não pode ser esquecida e será levemente referida no meu trabalho. Como qualquer acontecimento histórico, a Pandemia mudou as comunidades, criando mais ou menos intolerâncias, picos de energia, entre outros.

Como Mestres de Teatro e Comunidade temos que adequar os nossos métodos a cada comunidade, ao mesmo tempo que cada comunidade se adequa à nossa forma de trabalhar. Simultaneamente cada comunidade adequa-se para se tornar parte da mesma. Um *Teatro Adequado* não é apenas uma pesquisa, é uma forma de coabitação, colaboração e coexistência.

Teatro da Garagem

A companhia começa o seu trabalho numa garagem nos subúrbios de Lisboa em 1989, passando a residir a partir de 2005, a pedido da Câmara Municipal na sua sede atual, o Teatro Taborda. O Teatro da Garagem é uma Instituição de Utilidade Pública que “dedica o seu trabalho artístico à pesquisa e experimentação, através da investigação de novas formas de escrita para teatro e de novas formas cénicas que a acompanham.”³

O Serviço Educativo tem início em 2004 com a criação de um *Clube de Teatro para Crianças e Adolescentes*. A companhia teve como equipa no SE no ano letivo de 2021-2022, o diretor Artístico e cofundador da Companhia, Carlos J. Pessoa⁴, Ana Palma⁵, cofundadora do SE e do E-Garagem (Formações de Teatro para Executivos e Organizações), Mafalda Ferraz, produtora e Vítor Santos, técnico de luz e som.

A companhia tem projetos para as mais variadas faixas etárias, tendo início neste ano letivo de 2021-2022, a procura para abranger a faixa etária menos explorada pela companhia até agora, os bebés. Durante o estágio pude observar a pesquisa para o início desde projeto que terá o seu lançamento no ano letivo 2022-2023. Não irei referir este processo no corpo do relatório visto que ainda é um tema em pesquisa pela

³ Citação diretamente do site da companhia <https://teatrodagaragem.com/sobre-nos/>

⁴ Carlos J. Pessoa - **Diretor artístico e cofundador do Teatro da Garagem, encenador e dramaturgo, Diretor da Licenciatura em Teatro, Coordenador Pedagógico-Artístico do Mestrado em Teatro, Especialização em Encenação na ESTC.** Pós-graduado e Doutoramento em Ciências da Comunicação, Variante Comunicação e Artes na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa. Obteve a sua **primeira Menção Honrosa** em 1992 e o **primeiro prémio em 1992.**

⁵ Ana Palma – **atriz, encenadora, formadora credenciada pelo IEFP** que desenvolve vários projetos de formação de teatro. **Licenciada no Ramo de Atores** na Licenciatura de Teatro na ESTC Foi nomeada para os Globos de Ouro em 2018 na Categoria de Melhor Atriz de Teatro, **recebendo em 2019 o Prémio de Melhor Encenadora** com texto de Carlos J. Pessoa; também **recebe o Prémio de Melhor Atriz**, nos Prémios de Teatro do Guia dos Teatros 2019.

companhia e não tenho dados suficientes para uma reflexão da “adequação” do mesmo à faixa etária pretendida.

Estágio na Companhia

O estágio teve o seu início a 11 setembro 2021 e o seu final a 15 julho de 2022. Durante o Estágio participei tanto nas reuniões como nos projetos do SE. No relatório descrevo detalhadamente os processos dos projetos: **Sofias; Ao Palco; Universidade Sênior e Clubes de Teatro** (irei referir os Clubes de Teatro Jovem de 2021, nos quais participei como parte da aula prática da Unidade Curricular de Laboratório de Teatro e Comunidade II, assim como o Clubes de Teatro Adultos de 2022 em que participei neste Estágio).

Para além destes projetos participei também no espetáculo *Teatro Negativo*⁶ como atriz cujo processo não está descrito no relatório na sua totalidade devido a não se enquadrar no tema proposto.

Neste Capítulo irei descrever os processos, os problemas que geraram, deixando em cada um dos processos uma pequena reflexão.

Sofias – Teatro no Recreio

Sofias, é um projeto que consiste na apresentação de pequenas cenas teatrais baseadas numa personagem extraída baseada no livro “Os desastres de Sofia” escrito pela Condessa de Ségur⁷. O projeto começou a ser realizado para o 1º ciclo e a pré-primária da Escola EB1/JI da Costa do Castelo⁸ com o acordo de quatro encontros anuais entre as personagens e os alunos.

⁶ *Teatro Negativo*, foi espetáculo experimental e sinestésico encenado por Carlos J. Pessoa, com 18 textos de uma obra de António Velho Nogueira. O elenco foi constituído por três alunos de mestrado em teatro, Ana Dias (Especialização em TC), Diogo Tomaz (Especialização em Artes Performativas) e Mariana Índias (Especialização em TC) com música, composição sonora e Vídeo Daniel Cervantes. (Ensaio de outubro a novembro, espetáculos dias 26 e 27 de novembro)

⁷ Nascida em São Petersburgo, Sophie Feodorovna Rostopchine é uma escritora que começa a criar histórias para os seus netos, tendo publicado cerca de vinte livros, publicando o primeiro aos 58 anos.

⁸ A escola EB1/JI do Castelo pertence ao Agrupamento de Gil Vicente. A escola e a companhia têm uma parceria de vários anos, que incluem visitas ao teatro, a observação de espetáculos, um projeto com o

Em adição o projeto foi também apresentado no dia 1 de junho, no dia da criança, a pedido de uma professora da Escola EB1 de Santa Clara ⁹, e na Semana do Passaporte Escolar¹⁰.

As apresentações de Sofia e da Joana são lúdicas e pedagógicas, construídas tendo em consideração conversar com os(as) funcionários(as) e professores(as) das escolas em questão.

Para a Escola EB1/JI da Costa do Castelo, reunimos dia 23 de setembro, com a professora Ariana Furtado, coordenadora da escola para conhecermos o espaço, vermos a energia dos alunos nos diferentes intervalos e falar com professores e funcionários sobre dificuldades que tinham com as crianças.

Nessa pequena reunião obtivemos bastantes dados. A escola tem uma turma de cada ano, sendo um total de cinco turmas, contando com o pré-escolar. Existem dois intervalos, o primeiro, das 10h às 10h30 é com o 1º e 2º ano (que tinham brincadeiras dispersas e muitas corridas), sendo o segundo com o 3º e 4º ano, entre as 10h30 e as 11h30 (com grupos de amizades e jogos mais específicos), ficando os mais pequenos, pré-escolar, sempre na sua sala.

As maiores dificuldades que os(as) auxiliares sentiam eram os “gritos histéricos” constantes, as discussões e lutas por objetos que ambos queriam, estragar as árvores, arrancando folhas, frutos verdes, e atirarem terra para a cara dos colegas.

Partindo dessas ideias e da personagem Sofia, que consegue ser mais traquinas que todas as crianças, construímos os nossos episódios.

MNAA (Projeto que consiste na apresentação de obras de Arte Antiga de forma lúdica a alunos do segundo ano, suscitando-lhes o gosto pela arte, história e cultura. A companhia dinamiza jogos em sintonia com o SE do Museu, de forma a auxiliar os alunos na aprendizagem dos conteúdos), e, com início neste ano, o projeto Sofias.

⁹ Pertencente ao Agrupamento de Gil Vicente, a escola EB1 de Santa Clara começou no final de 2021 uma parceria com o Teatro da Garagem, executando de inícios de 2022 a junho de 2022, o projeto Ao Palco.

¹⁰ Iniciativa promovida pelo Pelouro da Educação da Câmara Municipal de Lisboa, que seve Lugar no Museu de Lisboa – Palácio Pimenta. Uma iniciativa destinada a crianças do pré-escolar e do 1º ciclo de ensino básico da rede pública escolar de Lisboa, com o seu lema '*A brincar também se aprende*'. Ao longo de três dias as crianças, ou famílias, têm a oportunidade de experimentar oficinas, demonstrações, participar em jogos, entre outras atividades, com vários Serviços Educativos de instituições residentes na área de Lisboa. (Eurocid)

No primeiro episódio, escrito pela Ana Palma, apresentado a 25 de novembro, Sofia sonha que tem uma prenda de anos escondida na escola. Depois de fazer uma dança mágica com as crianças, a prenda aparece, mas não é o que ela pensava. Desanimada começa a experimentar com a sua prenda com a Joana, a sua irmã. A Sofia aprende que a prenda pode ser o que ela quiser desde que imagine. O espetáculo acaba com uma música que os meninos acabam por cantar com as personagens.

Sendo o primeiro espetáculo na escola, os meninos não contiveram a sua excitação. Levantaram-se para tentar ficar com a prenda, que era um urso de peluche. Ralharam à personagem por atirar o urso ao chão, reprendiam-na por gritar e terminaram a cantar como planeado. Com estas reações percebemos que os alunos não precisavam de um espetáculo tão convencional. Precisavam de entrar em cena, participando com o corpo.

Para a segunda interação com a escola, no dia 28 de janeiro, criei um episódio a partir da ideia de um jogo tradicional, *O Rei Manda*. Nesta aventura as irmãs contam com a ajuda das crianças a história de um “Rei muito mau” (citação da história criada). Os alunos divertem-se a obedecer ao rei até que no final aprendem um feitiço que os liberta do seu poder. As crianças cantaram, dançaram e riram-se connosco até que voltaram para o seu recreio com uma nova forma de brincar ao Rei manda.

Este foi o episódio que escolhemos repetir tanto no dia 1 de junho como na semana do passaporte escolar. Para estas repetições acrescentamos a criação de um instrumento musical a partir de materiais reciclados.

A Semana do Passaporte Escolar foi uma experiência única para este projeto. Foram dois dias cansativos, mas extremamente enriquecedores. O espetáculo ganhou ao longo das apresentações momentos de improvisação. Acrescentamos cor e paladar às personagens com as perguntas e interações das crianças, juntando jogos enquanto esperávamos pelo número de espectadores aumentar. Chegamos a apresentar para mais de 30 crianças, juntamente com as famílias.

Tendo o segundo episódio sido mais adequado, continuamos com a ideia dos jogos. A Mariana Índias, que também estagiou no SE, escreveu a terceira cena, com ideias de numa das mini histórias do livro da Condessa de Ségur, acrescentando músicas e jogos.

Neste episódio, apresentado no dia 8 de abril, a Joana e os meninos, cantam uma música convencendo a Sofia a explicar porque estava triste. Decidem por fim contar a história em forma de um Espetáculo de teatro. Sofia admite que era desobediente e que um dia, sentindo inveja de uma prenda que a irmã tinha recebido, decidiu ficar com ela. Aprendendo com o descuido do primeiro espetáculo e calculando que os meninos iriam denunciar o ato de Sofia, fizemo-los jogar ao macaquinho do chinês, jogo tradicional, obrigando-os a estar parados enquanto observavam o roubo de Sofia.

Como era planeado, assim que se puderam mover condenaram o ato de Sofia, denunciando-o à Joana. A história continua até ao seu final em que convidamos, por ideia da Ana Palma as crianças a contarem histórias sobre momentos em que fizeram coisas que não deviam.

O último encontro foi escrito pela Ana Palma, em que a Professora da Sofia foi à escola com a Joana, tentar perceber porque é que a Sofia gostava tanto daquela escola. Os meninos deram-lhes razões do porquê da escola deles ser tão boa e foram confrontados com as diferenças entre as escolas de antigamente.

Conclusão

Este projeto vive da energia e da reação das crianças, tendo sempre necessidade de uma grande capacidade de improvisação lógica, colorindo o mundo que criamos, de forma a não perder o foco das crianças que são os mais honestos espectadores.

O espetáculo partiu de uma ideia pedagógica na qual se manteve e não perdeu o foco, mas procurou uma adequação mais verídica à faixa etária do 1º ciclo e pré-primária a que se propôs. Um espetáculo de teatro no recreio adequado, baseia-se, a meu ver, na história, energia e pontos de concentração, que no nosso caso partiram de jogos, danças, músicas e momentos de relação, que são cruciais, mostrando às crianças que são compreendidas pelas personagens.

Sofias na Escola EB1 / JI do Castelo



1. Esboço do recreio para ensaios

2. Primeira publicidade do projeto

3. Segunda publicidade do projeto



4. Primeiro encontro Com as crianças

5. Segundo episódio das Sofias

6. Terceiro episódio das sofias

Passaporte Escolar



7. Publicidade da Semana do Passaporte Escolar

8. Cartaz definitivo das Sofias exposto por 1ª vez na Semana do Passaporte Escolar



9 a 11. apresentações no dia da Família

12. Apresentações no dia do pré-escolar

Ao Palco

“Estamos conscientes de que cada grupo tem a sua especificidade. Neste sentido, o que poderá funcionar para um grupo, poderá não funcionar para outro. E o que não funciona hoje, poderá funcionar amanhã. Torna-se conseqüentemente impreterível encontrar o “timing” mais adequado para a realização de determinados exercícios e dinâmicas.” (TEATRO DE IDENTIDADES, 2014: 32)

O projeto começou com uma sessão única com três turmas em dezembro, à qual chamamos de Oficina de *Construtores de Histórias*¹¹. Apenas três turmas puderam comparecer devido ao Covid 19. Na Escola EB1 de Santa Clara, os professores têm uma certa autonomia com as suas turmas, pelo que cada um fez o que achou por melhor. Uns devido ao elevado número de infetados decidiram ficar na escola e outros decidiram que não queriam arriscar, deixando-nos apenas com três turmas para o início do projeto.

Marcamos o início oficial do *Ao Palco* a 11 de janeiro e o seu final a 7 de junho. Foi programado um calendário com algumas alterações ao longo das sessões devido a equívocos e sobreposições, rapidamente resolvidos. O *Ao Palco* consistiu em aulas quinzenais com nove turmas com lugar físico na Escola EB1 de Santa Clara.

Nas primeiras semanas fizemos planos de sessão em conjunto, deixando espaço para cada uma, Ana Palma, Ana Dias (eu) e Mariana Índias, trabalharem em cada sessão, concluindo o objetivo de cada sessão. Sete turmas tiveram início com as três orientadoras em conjunto, ficando as duas restantes, por motivos de sobreposição de horários, separadas, ficando a Ana Palma com a orientação do 4A, e a Mariana Índias e eu com o 1B.

A primeira sessão de cada turma começou com a divisão de dois grupos. Iniciamos o jogo dos *Construtores de Histórias*, que leva as crianças à construção de duas histórias, apresentando-a teatralmente depois de algum treino ao outro grupo.

Na aula seguinte apresentamos a cada turma um resumo de uma história que consiste na junção das duas construídas em aula. Com essa história e ideias das

¹¹ Este nome vem em referência a um jogo usado pelo SE que consiste na criação de uma história a partir de impulsos escritos e visuais. O jogo dos Construtores de Histórias foi um jogo a que demos uso mais do que uma vez durante o estágio.

crianças, fomos montando o espetáculo. A maior parte das sessões foi separada com um aquecimento corporal, um aquecimento grupal, um jogo adequado à aula e o ensaio de uma cena do espetáculo.

Em cada aula tornamo-nos mais autónomas, acabando por finalizar o projeto com a Orientação de seis de turmas, acompanhando o processo de duas das que ficaram na alçada da Ana Palma.

Este foi um projeto muito importante, e interessante, porque se encontrava no início, podendo acompanhar o processo de uma fase inicial até à sua conclusão. Uma particularidade que valorizo neste projeto, foi a sua calendarização de dois dias por semana com duas turmas por dia. Esta foi uma oportunidade que me forneceu uma certa experiência e segurança no dia a dia.

Como disse António Vicente, “Cada grupo tem a sua particularidade”(Teatro e comunidade: 2014). O mesmo exercício pode não funcionar na mesma turma duas vezes, é importante, o “Timing”.

Foi notável ao longo das sessões o impacto da Pandemia nos alunos. Comentários desde “Eu não me aproximo dele porque ele teve Covid” até a tentativa de troça: “Tu tens Covid!!!”, “Ele teve covid, afastem-se dele!”, entre outros. O mais importante nas sessões foi não ficar indiferente e desproblematizar a situação de forma racional. (por exemplo: “Quem tem Covid depois fica uns meses sem ter, então o colega XX não pode contaminar-te agora”). As crianças são racionais, e quando percebem que o que dizem não tem sentido partem para outro jogo que os satisfaça mais. Nestes casos, a repetição da mesma explicação é chave para o problema desaparecer.

Divido o Ao Palco em nove tópicos de relevante importância: Instituição/Burocracias; Substituições, Calendário, Horários, Nomes, Professores, Alunos, Encarregados de Educação, Produto final.

Instituição / Burocracias

Para um projeto desta dimensão existe sempre uma importância enorme nas “burocracias” entre a Instituição Escola e a Instituição Companhia de Teatro, isto é, os

acordos entre Instituições, os parâmetros do trabalho, o que cada um tem para oferecer ou pretende receber.

Durante as sessões começaram a surgir problemas principalmente de calendarização, mas também de uma falta de disponibilidade da escola. A estes impasses tentamos resolver de forma rápida e positiva, passando sempre a imagem, à instituição, aos professores e aos alunos de que somos uma solução e não um problema.

No final do ano letivo juntamo-nos de forma a encontrar soluções para que se antecipem estes problemas. Parte do processo de ensino e aprendizagem é aprender com as falhar. Para tal, eu e a Mariana juntamos uma série de soluções:

Substituições

No tempo do Estágio, se, por motivos externos ou internos, uma turma tinha que faltar à aula, nós encontrávamos uma substituição para além do nosso horário. Tínhamos apenas 8 a 9 sessões (dependendo da turma) para fazer um espetáculo coerente se que todos sentissem orgulhosos (filhos, familiares professores e nós), e para tal precisávamos de todo o tempo possível.

Essas substituições inocentes levaram-nos a um constrangimento de problemas internos escolares internos e nos conduziam por momentos de tensão entre instituição e professores aos quais não tínhamos intensão de interferir, aos quais pudemos fugir. Tivemos que assumir uma resposta, mantendo-nos estrategicamente imunes a esses problemas.

A solução alternativa que encontramos nas Substituições foi uma muito mais limitada. A escola tem direito a um ou dois específicos para as suas aulas. Caso exista a necessidade de substituir uma turma por outra ou cancelar uma aula, a Escola tem de o fazer com pré-aviso e apenas no dia ou nos dias e horários pré-acordados entre a escola e a instituição.

Esta resolução obriga a que a escola e os professores estejam em sintonia antes de nos fazer chegar as informações de substituição. Contamos sempre com exceções

pontuais, pois parte do trabalho de Teatro e Comunidade, ler a comunidade em questão com que trabalhamos, seja a instituição ou os alunos, e ponderar o que mais a beneficia.

Calendário

Este ponto criou momentos menos felizes no estágio. Existiram problemas de calendarização inicial, cujas sessões, que ao serem substituídas criaram outras situações que não conseguimos prever.

As sessões que contavam apenas com terças e quartas feiras, tinham data em segundas, quintas e sextas feiras. Conseguimos alterar todas as sessões tirando uma quinta feira, onde se verificou uma colisão de projetos com uma turma que chegou a ter apenas sete sessões de trabalho.

Para além desta sobreposição pontual de projetos, existiram outras às quais não conseguimos fugir. Alunos com aulas de necessidades especiais, turmas com educação física, alteração da coordenação da escola (que não concordou com alguns dos pontos acordados anteriormente entre a ex-coordenadora e a companhia de teatro), professores sem o calendário das aulas de teatro ou com calendários de versões não atualizadas e horários rotativos entre turmas, levaram a faltas sem pré-aviso e substituições a que tivemos que dar resposta calma e eficazmente, concluindo o projeto da forma mais feliz possível.

Uma possível solução para a resolução dos problemas de calendário é um maior cuidado da parte dos orientadores, revendo o calendário por vários olhos, fazendo perguntas em reuniões à escola, mas, principalmente, antecipando as respostas, tendo em conta feriados, provas de aferição e exames.

Por outro lado, existem sempre coisas com as quais não podemos interferir ou fazer perguntas. Não se pode pedir aos responsáveis da escola para confirmar se existem interferências com outros projetos, podemos levá-los a pensar que insinuamos incompetência no seu trabalho, pelo que devemos sempre preparar-nos para problemas dos quais nos defendemos com os parâmetros definidos nas *Substituições*.

Podemos, no entanto, fazer referência, nunca insistindo, a que no ano anterior aconteceu alunos terem acompanhamento especial nos dias de teatro e que existiu uma rotação de horários que não compreendemos, deixando à responsável da escola uma possibilidade de pensar sobre eles.

Horários

Inicialmente, o calendário definia se cada turma tinha aulas de manhã, ou de tarde. Mais perto do início do ano letivo, com a conclusão das alterações de calendário tínhamos horários de início entre as 11h e 11h30 e as 14h e 14h30.

No primeiro dia, percebemos que existiam limitações de horários que não nos tinham sido comunicadas. A aula da manhã começou às 11h com uma duração de 1h30, sendo que a da tarde teve a duração de apenas 1h. No dia seguinte o mesmo ocorreu, com duas aulas de 1h30 e uma de 1h. As razões para tal foram os horários diferentes de almoço de cada turma.

Nas duas primeiras semanas fizemos um levantamento do tempo disponível para cada turma, estabelecendo o nosso próprio horário:

turma	1ºA	1ºB	2ºA	2ºB	3ºA	3ºB	4ºA	4ºB	4ºC
Início	14h30	11h30	11h30	14h30	11h	11h	11h	14h	14h
fim	15h30	13h	12h30	15h30	12h30	12h30	12h30	15h30	15h30
duração	1h	1h30	1h	1h	1h30	1h30	1h30	1h30	1h30

Esta descoberta revelou-se uma preocupação pois teríamos menos tempo para trabalhar com algumas turmas do que pensávamos. Ajustámos os planos de sessão para as turmas que tinham meia hora a menos de forma a não ficarem prejudicadas

Uma boa solução para antecipar este acontecimento é acertar com a escola quais os horários de cada turma e tentar que todos tenham a mesma carga horária. Uma boa opção seria 1h para primeiros anos, cuja atenção por espaços de tempo alargados se torna desafiante, e 1h para as restantes idades.

Nomes

Este foi um projeto de meio semestre com início em janeiro, pelo que, a lista de alunos não foi uma preocupação inicialmente pensada pela escola nem pelo teatro da garagem. As nove turmas tinham uma média estimada de 22 alunos. Em oito sessões quinzenais, tornou-se impossível memorizar o nome de todos.

Conseguimos memorizar o nome de alguns, porém erros como dizer “Ema” em vez “Mena” ou “Dázio” no lugar de “Tadzio”, ou chamar “Iris” à “Isis”, tornou-se marcante. Todos gritavam a correção protegendo o colega, e com a devida razão.

Para todas as idades é essencial sermos reconhecidos, recebermos constantes provas de que somos importantes e o nome é a porta para esse reconhecimento. Quando o professor sabe o nosso nome na próxima aula, significa que o marcamos de alguma forma. Normalmente, os primeiros alunos a receber esta honra são os que perturbam as aulas, dando aos outros o lugar de invisíveis.

Inviabilizando esse comportamento negativo, agradei aos alunos o seu bom comportamento, quando merecido. Os alunos que mais perturbavam a sessão rapidamente perguntavam se se tinham portado bem, ao que lhe devolvíamos a pergunta, esperando uma autoavaliação, perguntando se tinham interrompido, corrido ou gritado, sem razão. A sua avaliação levava-nos a uma confrontação amigável do seu comportamento, acabando sempre na fria promessa de um melhor comportamento na aula seguinte.

Relativamente aos nomes, comecei a tratar as crianças por adjetivos positivos como “linda”, “lindo”, “coração”, “cara bonita”, “senhor falador”, este último com um tom divertido e não ameaçador. Nunca me prendi a um adjetivo por pessoa por medo que outro se sentisse inferiorizado.

Ter a lista de nomes é imperativo para um bom funcionamento das sessões. É possível a sessão funcionar sem a lista, porém, o nosso trabalho é pensar na comunidade. E cada indivíduo merece atenção total e um reconhecimento do seu trabalho e o nome é uma para essa valorização. Na reunião inicial de ano deveria estar a lista de nomes dos alunos de cada turma.

Professores

Nunca será feito o bastante em prol das crianças. Quem não se interessa pelas crianças não é digno de que ninguém se interesse por ele porque as crianças são o futuro. Mas os cuidados para com as crianças devem ser guiados pelo bom senso; não basta ter boa vontade; é preciso também conhecimento e experiência. (FRANCESC. 2010: 26)

Gerir o papel do professor e/ou professora paralelo ao nosso nas sessões foi um desafio. Nas últimas sessões assumimos como posição, simultaneamente, superior e igual ao professor de cada turma, isto é, uma posição que não contradizíamos, evitando que os alunos questionassem a autoridade desse professor(a).

Por exemplo, se alguém queria ir à casa de banho, perguntava-nos e nós encaminhávamos para o(a) professor(a). Quando a turma se exaltava demasiado, eles eram a posição de autoridade que os acalmava, principalmente no início. Foi a primeira vez que foi pedido a estes alunos uma concentração de aula num espaço pouco comum, que era o do ginásio da escola.

Ao longo das sessões os professores davam-nos mais oportunidades de controlar as situações, procurando para cada turma formas diferentes como sentar-nos indiferentemente, em alguns casos elevar a voz e noutros casos começar a falar mais baixo, este foi o que mais me agradou. Seguido por o exemplo de um professor desta escola que o fazia dei-me conta que os alunos ao não ouvirem o que se dizia sentiam-se de parte, sem perceber o desafio. Ao baixar o volume eles faziam o mesmo pois queriam ouvir.

Existiram, no entanto, complicações com a existência destas figuras, os professores, na aula. Em algumas situações a sua posição era de controlo, ajudando a acalmar os ânimos, facilitando a sessão. Inicialmente senti os professores reticentes tanto com a nossa presença como com o nosso trabalho, porém, todos acabaram por gostar do processo e fizeram questão de o dizer ao longo das sessões e no final do ano letivo.

Por vezes o que mais complicou o processo foi o entusiasmo desses mesmos professores, que, ao quererem que a sua turma tivesse o maior proveito das aulas, interferiam com as mesmas. Repetiam o que dizíamos na tentativa de explicar melhor o exercício; interrompiam as sessões para dar dicas de pronúncia ou projeção ou de movimentos que seriam melhores para o efeito que tínhamos pedido, etc... Também tivemos o oposto, com professores que dialogavam entre si nas aulas, fazendo ruído, desconcentrando-nos e aos alunos, visto que a sala onde nos encontrávamos tinha muito eco e todo o pouco ruído se tornava desafiante.

O efeito mais negativo que vi foi o da falta de esperança ou, citando o meu professor de secundário, “os rótulos”. Estando os professores habituados aos alunos, antecipavam-se ao processo, impedindo o aluno de ter uma reação diferente da esperada, por exemplo:

- Tínhamos um aluno a que a professora denominava de “esquecido” ao qual demos o poder de começar o espetáculo com a frase “Bom dia!”. A professora avisou logo em plena sala com todos a ouvir que o melhor era dar essa responsabilidade a outro, mas nós assumimos a responsabilidade, dizendo que ele era capaz. Após alguns ensaios a professora voltou a insistir. Conseguimos perceber que o aluno ficava desconfortável com os comentários da professora, pelo que lhe perguntamos à frente dela “Tu queres dizer a frase?”, ao que ele retorquiu um grande e redondo “SIM”. No dia do espetáculo a professora tremia, mas nós estávamos confiantes, e o nosso “BOM DIA” foi dito à hora exata!

Tivemos vários exemplos de professores que diziam “ele não fala muito”, “ele não é português, é melhor não falar”, “ela é muito tímida”, “ele nunca se porta bem, não vai conseguir estar parado”. Estes comentários que os professores expunham em alta voz apenas davam aos alunos a sua personagem, restringindo-os aos seus normais papéis de sala de aula. Ignoramos alguns comentários, contornamos outros, e no final do ano recebemos comentários de professores entusiasmadíssimos, encantados com o desempenho dos alunos dos qual menos esperavam colaboração.

Este efeito positivo foi estudado e tem o nome de Efeito Pigmalião. Nos anos 60, Robert Rosenthal e Lenore Jacobson fizeram um estudo para descobrir se a expectativa influencia a realidade. Para tal, numa escola da Califórnia influenciaram dois

professores, fazendo-os acreditar acreditava que uns alunos tinham maior capacidade intelectual do que os outros. Acabaram por perceber que as notas dos alunos, cujo professor acreditava que eram os melhores, foram superiores às dos outros.

Num documento chamado “Aula 11 O Efeito Pigmalião”, lemos vários exemplos de pessoas que experimentaram este Efeito. A base do conceito é, ter um ou dois ou mais grupos e leva-los a acreditar que uns são melhores do que os outros. O grupo ao qual demos o menor grau, vai acabar por ter pior resultados, o que ficou com o melhor lugar irá aprender e trabalhar mais, enquanto os do meio acabam por ou insistir na tentativa de melhorar ou desistir, deixando-se ficar pela designação.

O que este estudo demonstra, assim como comprovei nas aulas do Ao Palco é que o incentivo do professor ajuda os alunos a serem melhores. Ouvirem um “Tu desta vez vais conseguir”, em vez de um “Nunca fazes isto direito” faz muita diferença. Um faz com que a criança se motive, enquanto o outro acaba por dizer à criança que já nem é esperado que ela consiga. O professor, como modelo deve ser aquele que mais acredita nos alunos, levando-os todos a serem as melhores versões de si possíveis.

No final das nossas sessões já tínhamos uma harmonia na sala. Acabamos por tratar o professor como igual, isto é, como se fosse um colega assim como a Mariana e a Ana Palma, tomando em consideração todas as suas sugestões explicando o porque não faríamos a sugestão ou aceitar e experimentar a proposta. Esta solução causou um equilíbrio e uma calma entre as duas partes, criando uma certa harmonia nas sessões. Em algumas turmas conseguimos que os professores participassem como atores ou narradores das histórias, proporcionando aos alunos uma relação diferente com os seus professores.

Alunos

Tive em mãos a oportunidade de trabalhar com oito turmas (excluo da contagem a nona turma à qual não consegui ver o processo, pelo que não consigo fazer uma reflexão da mesma), duas turmas de cada ano, partilhando “custódia” com a Ana Palma numa turma do terceiro e numa de quarto.

Cada turma tinha a sua particularidade, havendo uma unanimidade na preocupação dos professores para o excesso de energia não direcionada para práticas produtivas, que se reflete na incapacidade de concentração e do estar parado no lugar, colocando o pós-pandemia, como fonte de todos esses excessos. Sentimos que os alunos tinham vontade de ouvir e fazer, mas não eram capazes de fazê-lo.

Por vezes, quando explicávamos um exercício, víamos alunos a rebolar, a fazer o pino, a brincar com os pés ou totalmente distraídos com um pontinho na parede ou no chão. Ficavam quietos por meros segundos quando fazíamos o jogo da estátua, quando eram repreendidos, ou quando explicávamos um exercício ou uma parte do espetáculo que lhe interessava mais.

Tivemos uma turma de primeiro ano em particular muito complicada. Numa aula inesperadamente começaram todos a correr como se estivessem no recreio. Tentámos sentá-los e chamá-los à razão, sem um resultado que abrangesse a maior parte da turma. Sem querer desistir da aula, de olho nos alunos concentrados sentei-me no chão e disse “Quem quiser estar atento e fazer o exercício sente-se aqui comigo.” Para minha surpresa todos se sentaram silenciosos prometendo um bom comportamento, conseguindo uns minutos de atenção para o início do jogo, não porque eu tinha vontade, mas porque eles queriam experimentar, queriam estar incluídos na aula.

Uns minutos depois tinha três crianças a correr, que coloquei perto de mim explicando a minha reprovação do seu comportamento. Todos se mostraram tristes por terem prejudicado a turma, dando-lhes a oportunidade de trabalhar como meus ajudantes. A sua incapacidade de “estar” foi novamente puxada uns minutos mais tarde.

Essa turma foi um desafio em todas as sessões. Numa aula um exercício de relaxamento que funcionava perfeitamente e na seguinte nem sequer os conseguíamos deitar no chão, remetendo-me para a ideia de “timing” de António Vicente. Experimentamos formas de trabalho de corpo, de concentração, de jogos com músicas, de dramatização (entrando em personagem com eles), mas todas tinham o mesmo resultado uma extra atenção inicial com bom funcionamento da sessão e uma frustração e desatenção final. A aula tinha apenas uma hora, mas parecia um dia inteiro.

Comparámos o outro primeiro ano ao deles e chegamos à conclusão que algo tinha que mudar. O processo que teve mais resultado foi o de criar coreografias. Uma

voz gravada fazia a magia da história com a qual eles conseguiam compreender a cronologia dos movimentos e nós repetíamos os mesmos movimentos. O seu comportamento não chegou a igualar com o da outra turma, porém, com os ensaios, conseguimos que apenas olhassem para nós por referência, acabando por nos deixar com um sentimento de orgulho.

Nem todas as turmas foram cansativas, tendo turmas muito trabalhadoras com as quais quase não sentíamos necessidade de dar indicações. Todos os alunos foram calorosos, dando-nos abraços no início, no final das aulas e nos intervalos, e expressaram a sua felicidade perguntando quando seria a próxima sessão.

Encarregados de educação

O impacto dos Encarregados de Educação foi para mim incalculável. As crianças foram um livro aberto, refletindo diariamente as frustrações do mundo. Quando haviam notícias negativas ou de um aumento de preços mais impactante, sabíamos que a semana ia ser mais complicada.

Um exemplo deste facto foi a subida do preço do gás, quando começou a nova fase de vacinação e, principalmente, o início da guerra entre a Rússia e a Ucrânia. As crianças não sabendo totalmente o que se passava, refletiam as frustrações da comunidade que os rodeava, tornando um desafio, filtrar essa energia para uma aula positiva.

Para além das aulas diárias, os alunos exprimiram várias vezes o entusiasmo, tristeza ou medo das famílias virem ou não ao espetáculo final. Num exemplo muito extremo, uma aluna congelava ao falarmos da possibilidade dos pais virem ao espetáculo. Se o fizéssemos garantíamos que ela não participasse de nenhuma forma nessa sessão. A própria professora falou connosco no primeiro dia recomendando evitar o assunto.

No dia da apresentação este fator tornou-se ainda mais evidente. Saber que os familiares vinham ou não, impactou muito o estado de espírito das crianças. Conseguimos motivar todos para se divertirem com os outros, mas não foi uma parte do trabalho que me trouxe prazer. Por vezes os adultos não compreendem o impacto que

têm na vida das crianças (ouvimos comentários como “A minha mãe não vem. Ela só quer saber do telemóvel.”).

Outras vezes, os trabalhos não permitem que esse empenho seja atribuído. “As crianças são o futuro¹²” é o que se ouve constantemente, porém, poucos são os casos de quem quer despende de uma hora para que o futuro seja garantido.

Segundo o Código de Trabalho, o trabalhador tem direito a falta justificada,

Motivada por deslocação a estabelecimento de ensino responsável pela educação do menor por motivo da situação educativa deste, pelo tempo estritamente necessário, até quatro horas por trimestre, por cada um. (alínea g, artigo 249)

Segundo o Artigo 253 as faltas devem ser comunicadas com um mínimo de cinco dias de antecedência, acompanhada com uma justificação preenchida pelo estabelecimento de ensino do menor, podendo, caso a antecedência não possa ser prevista, “a comunicação ao empregador é feita logo que possível.” (artigo 253) Este fator também é importante, visto que o estado prevê casos em que o trabalhador não consiga avisar com a antecedência necessária e permite esta abertura.

Mesmo com todos estes fatores, não há muitos Encarregados de Educação que tenham coragem de pedir para usufruir destas quatro horas por trimestre por medo de serem despedidos, ou receio de ter alguma represália, ou penalização psicológica (como por exemplo assédio moral) ou penalização monetária. Temos que ter noção de quem em alguns casos, cada cêntimo é essencial para uma vida básica e o risco de represálias não permite esse à-vontade. Para além do mais, a expressão, “por motivo da situação educativa”, é uma expressão com abertura a diversas interpretações, sendo por vezes compreendida por momentos de avaliação, de reuniões ou de momentos extremos como uma chamada repentina da escola.

Outro fator importante na presença dos Encarregados de Educação foram os dias escolhidos pela escola. Tivemos um espetáculo num sábado, a pedido de um professor, mas a escolha da escola manteve preferência a dias da semana, da parte da tarde,

¹² Citação Francesc Ferrer i Guàrdia no livro *Escola Moderna*

explicando-nos que era preferível para os Encarregados de Educação e aos professores que viviam a 1h30 da Escola.

Isto resultou num sábado com cadeiras esgotadas e pessoas de pé e dois dias da semana com duas sessões por dia, e cadeiras vazias. Por sorte, nos espetáculos da semana, cada apresentação era dividida por duas turmas, pelo que cada turma via o espetáculo da outra na plateia, preenchendo mais a plateia, impossibilitando a sensação de apresentar para uma plateia quase vazia.

Nestas situações, com crianças dos 5 aos 12 anos é importante saber desproblematizar situações, evitar assuntos e responder rápida e estrategicamente a todos os problemas ou perguntas que nos sejam apresentadas.

Para evitar qualquer questão brincamos com a situação, explicando que as nossas famílias também estavam a trabalhar. Eles riam-se, voltado a suspirar, mas aos poucos, com a dinâmica que a Ana Palma instaurou entre público e atores, os alunos esqueceram as tristezas e começaram a focar-se no jogo.

Neste tópico propunha espetáculos ao fim de semana ou ao final do dia, assim como o Teatro da Garagem tinha agendado inicialmente, proporcionando aos EE esta possibilidade de estar com os educandos, porém, esta opção mostrou-se inviabilizável, pois a própria escola pediu alteração, colocando como justificação os professores que viviam longe e a necessidade de auxiliares.

Como a apresentação de sábado comprovou, um espetáculo ao fim de semana tem um resultado gratificante para todos os envolvidos. Uma outra solução, um pouco fria e assertiva, seria dispensar os professores das apresentações, visto que, como é um dia não laboral e como aconteceu com a turma que apresentou sábado, os próprios EE trazem os alunos para o teatro, levando-o para casa após a apresentação.

Produto Final

Os espetáculos finais foram uma mistura de momentos. As turmas estavam entusiasmadas por começar. Uns olhavam para nós por referências, outros esqueceram-se do que fazer, outros sentiam-se confiantes. Uns professores choraram, outros riram e

outros gritavam correções da plateia. O nosso plano nesses dias foram deixar que os frutos daquele trabalho fossem colhidos, de qualquer forma que eles chegassem.

Tivemos ensaios gerais nos dias anteriores com os professores e alunos, mas também tivemos ensaios técnicos, permitindo antecipar as movimentações dos alunos, marcando no chão as suas posições, garantindo que tudo acontecesse da forma mais positiva e profissional possível.

No sábado em que só tivemos uma turma, programamos uma dinâmica entre alunos e famílias, por ideia da Ana Palma. Essa ideia consistiu na reprodução dos *Construtores de Histórias*, jogo que iniciou as histórias das turmas.

O público sentou-se, explicamos o jogo, e cada aluno tirou um papel, saindo com a sua família para salas adjacentes ao palco, criando a sua história e, por fim, apresentando-a. Fizemos o mesmo aquecimento que fazíamos nas aulas, promovendo aos alunos a sensação de segurança e diversão. A apresentação correu sem problemas, e os que surgiram, passaram despercebidos. Todos agradeceram, e saíram com sorrisos.

Nas restantes apresentações, a dinâmica foi mais pequena, devido a nem todos terem familiares presentes e ao tempo ser mais reduzido. Nestas turmas explicamos o processo dos construtores, fizemos o aquecimento também com o público, partindo depois para o espetáculo.

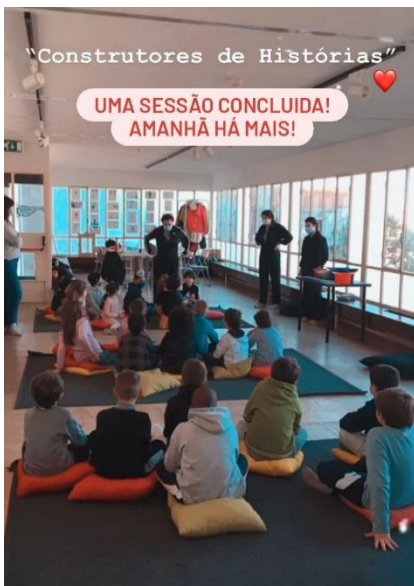
Tivemos alunos mais dispersos pelos familiares estarem presentes e outros mais rígidos, juntamente com alunos que não sabiam o que dizer, aos quais ajudamos rapidamente. Todas as apresentações foram merecedoras de aplausos e todas foram prazerosas de alguma forma.



Anfiteatro de Santa Clara



Aulas em Santa Clara



Primeira sessão em dezembro



Ensaio no Palco



Apresentação dia 4 de junho



Apresentação dia 7 de junho

Universidade Sénior

Saber Maior, é a Universidade Sénior da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior que promove um envelhecimento ativo, e promovem experiências que “potenciam a realização pessoal e a participação cidadã”, “dirigida à população com idade igual ou superior a 55 anos” (site da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior).

Universidade Sénior é o nome que damos ao projeto de aulas de teatro nesta universidade. O projeto começou em setembro, tendo duas horas semanais às quintas feiras das 10h30 às 12h30. O espetáculo resultante deste projeto teve o nome de *Variedades*, e teve duas apresentações a 13 e 14 de maio pelas 16h.

Neste projeto participei como observadora, participante e coorientadora de algumas sessões. Os tópicos neste capítulo são mais concisos: Calendário e horários; Aquecimento; Respeito mútuo; Aceitação; Objetivo.

Calendário e Horários

Todos os dias chegávamos ao teatro pelas 9h, abríamos o teatro e os alunos começavam a chegar por volta das 9h15, 9h30. Pelas 9h50 tínhamos pelo menos 90% dos alunos, chegando apenas um ou outro às 10h ou uns minutos depois.

Acho importante relatar este facto pois de trata de uma característica geracional. Possíveis atrasos tinham que ser antecipados e impedidos, pois não havia forma de avisar do atraso ou dinheiro para pagar um táxi nos dias menos afortunados. É hábito chegar pelo menos meia hora antes.

O que aprendi com a Ana Palma, logo no primeiro dia de estágio é que temos que chegar antes que toda a gente. Se a aula é às 10h, nós temos que estar no mínimo 1h mais cedo, prevenindo atrasos, impedindo a sensação de que chegamos atrasados. Uma

conclusão a que cheguei nestes meses é que se todos chegam antes da hora, todos pensarão que a pessoa que veio à hora certa está atrasada e, como Orientadoras de uma sessão temos que evitar ao máximo estar nessa posição.

Aquecimento

Uma das grandes complicações inesperadas com que me deparei neste grupo foi a repudição dos exercícios teatrais de voz, corpo e aquecimento, que constituíam o início da sessão. Os mesmos exercícios e jogos feitos por atores profissionais para dicção ou criação de espetáculos, não foram aceites por alunos Sêniores, que os consideravam uma desvalorização da sessão, considerando-os inúteis.

“ - Se for para aquecermos todas as sessões começo a vir mais tarde para a parte do espetáculo”, disse um aluno da Universidade Sénior.

Ao longo das sessões acabamos por diminuir instintivamente estes aquecimentos e exercícios, talvez, da minha parte, por receio de um motim. O que os participantes falham entender é que sem estes cuidados iniciais, começou a instaurar-se mais discórdia. O quotidiano entrou mais facilmente nos ensaios, juntamente com distração, falta de concentração e conversas paralelas. Um aquecimento, de qualquer forma que seja inicia a sessão e transporta os alunos para a mesma página, preparando-os para trabalhar.

Não desisti completamente dos aquecimentos. Defendo a sua importância e, como prometi a um aluno, hei de encontrar uma gama de aquecimentos que aprovelem e sintam dignos das suas capacidades.

Tivemos um ou outro jogo que surgiu efeito e teve aprovação, TIM, TOM, TEM¹³, e o ZIP, ZAP, ZUP¹⁴, que são dois exercícios cujo foco consiste na

¹³ Jogo adaptado do TEM TIM TOM, um jogo encontrado no site <https://www.teatronaescola.com/>. A nossa adaptação consiste na repetição da sequência TIM, TOM, TEM, juntando uma palma no final. Por exemplo: ALUNO 1 diz “TIM”, ALUNO 2 diz “TOM”, ALUNO 3 diz “TEM”, ALUNO 4 bate uma palma, ALUNO 5 diz “TIM” e assim por diante até se tornar algo fluído. Para o Ao palco usamos o mesmo exercício, fazendo, para o 1º e 2º ano, a alteração dos termos para TA, TE, TI, quando nos apercebemos da dificuldade com o inicial.

¹⁴ Jogo que parte do livro dos 200 Exercícios para atores e não Atores de Boal, cuja mesma adaptação utilizamos para todas as idades omitindo o nas primeiras sessões ZUP, para apenas apresenta-lo quando

concentração de cada indivíduo em relação a si e ao grupo. Inicialmente estes jogos divertidos, despertaram os atores como era esperado, porém, ao longo das sessões os alunos mostraram-se frustrados com a repetição em vez de se mostrarem disponíveis para melhorar o desempenho no mesmo.

Esta “frustração por repetição” foi outro dos problemas com que nos deparamos no processo. Após muitas repetições, por mais que a cena não tivesse suficientemente segura, todos queriam avançar, cansando-se da repetição, pensando que já estava bom ou que já eram “profissionais” a desempenhar tal papel, assimilando os erros como “acidentes momentâneos” em vez do que eram: falta de treino e concentração.

Respeito mútuo

Nesta situação, mais do que nas outras neste estágio, este título de “professora” ou “coorientadora” foi-me entregue, porém, restou ser aprovado por os participantes. São os próprios alunos que nos “elevam” a tal posição. As diferenças de idade, levam facilmente ao pensamento de que os jovens, não têm nada para ensinar a quem já aprendeu tanto na vida.

É importante existir respeito mútuo e entendimento, para que a posição que nos foi entregue continue a mesma, pois a qualquer momento esse título nos pode ser retirado.

Em todas as sessões senti o carinho e respeito entregue a mim pela turma. Aceitavam os meus desafios, pediam ajuda quando a necessitavam e respeitavam as minhas decisões. Este teatro, é um de partilha, de troca de ideias, opiniões e muitos debates. Nestas comunidades não há limites para o que pode ou não ser dito. Depois de tantos anos em silêncio, causado pelo Estado Novo¹⁵, censura, PIDE¹⁶, algo que todos sentiram na pele, depois de serem obrigados a fazer o que não queriam, sem poderem

sentimos que os alunos estavam preparados. Nesta adaptação o ZIP é a passagem do testemunho para a direita, o ZAP é para a esquerda e o ZUP para um colega aleatório.

¹⁵Regime ditatorial com duração de 41 anos desde a aprovação da Constituição Portuguesa de 1933 a 1974

¹⁶ PIDE foi a Polícia Internacional e de Defesa do Estado entre 1945 e 1969, “responsável pela repressão de todas as formas de oposição ao regime político do Estado Novo” (Wikipédia)

protestar ou vocalizar preocupações e receios, restou-lhes o agora, em que não conseguem, nem querem, “estar calados”, e não o devem fazer.

Pode causar receio a um orientador, ter que lidar com as várias opiniões e vozes preocupadas, receosas de serem usadas para algo jocoso ou humilhante, ou de fazer algo que os coloque na situação de “coitadinhos”.

“Quando se trabalha com seniores é muito comum ouvir-se comentários como: “que giro”, “deve ser engraçado”, “parabéns, por estar a fazer esse Trabalho”, etc., mas as pessoas esquecem-se que não tem de ser giro ou engraçado, não estamos a fazer favores a ninguém nem estamos a tratar de coitadinhos. Estamos a trabalhar com seniores e os seniores não querem ser diferentes do resto da sociedade, por isso mesmo é que abraçam iniciativas deste género.” (Mónica Monteiro, 2010)

António Vicente também fala sobre este comportamento explicando que “a realidade portuguesa marginaliza as pessoas mais velhas” (p.29, Teatro de Identidades), ao contrário da cultura oriental, que “entende os velhos como sábios” (p.29, Teatro de Identidades). Este comportamento nacional acaba por gerar, como António Vicente escreve, “uma espécie de auto-exclusão” da sociedade (p.29, Teatro de Identidades) que as sessões de teatro acabam por trocar por um “sentido de pertença” em relação ao grupo.

Quanto mais os participantes se sentem confortáveis no grupo mais partilham as suas opiniões, e receios, exigindo que o orientador se prepare, esteja atento e continue em pesquisas, alterando os seus métodos de forma a alcançar a comunidade para quem trabalha. António Vicente escreve sobre a sua experiência sobre este mesmo assunto,

[o projeto] **exigiu da nossa parte**, artistas, investigadores e pedagogos, um constante **sair da zona de conforto** pela procura de um maior conhecimento e de formas adequadas à sua transmissão. Este representou, pois, um verdadeiro desafio pessoal e artístico, tal como o saber onde começa e culmina o nosso trabalho e o **lidar com a possibilidade da perda de vínculo.** (2014)

Um bom exemplo para este respeito mútuo de que falo neste subtítulo, e o poder desta “entrega” do título de Orientadora foi uma sessão da universidade sénior após o espetáculo. Nesta sessão, por razões que nos ultrapassam a ambos, alunos e orientadores, com sobreposição de aulas, eu tive que orientar a sessão sozinha. Eles

estavam expressamente e verbalmente contrariados por não terem toda a atenção das três orientadoras normais para si, ficando apenas comigo.

Um dos alunos tentou aliviar a situação a meio da sessão dizendo:

- “Puseram uma jovem a domar Dinossauros”.

A verdade é que eu, sendo a “jovem”, tentei motivar os alunos a participar na sessão, num esforço cansativo, angustiante e extremamente frustrante. Nessa aula consegui sentir o peso do meu título, que, graças à revolta dos alunos, me estava a ser meio tirado. Porém não senti a aula como um fracasso. No final da sessão consegui sentir todo o carinho que têm por mim, pois, por mais contrariados que estivessem, esforçaram-se ao máximo para participar.

Cada um à sua maneira mostrou-me o seu apoio, e isso é que significa Ser Humano. Eles mostraram que me consideram parte da sua comunidade e que me queriam ajudar.

Não considero, no entanto, o seu comportamento totalmente correto. Essa aula foi uma oportunidade de não cancelar a sessão. Apesar de todas as horas extra que lhes tinham sido entregues para os ensaios gerais do seu espetáculo, tomaram uma sessão menos completa como uma afronta, como uma desvalorização.

Teatro com Séniores é, mais do que tudo, um teatro empático. E esta empatia tem que vir dos dois lados. Se os alunos sentirem que podem ser magoados desta relação, vão-se proteger, atacando o Orientador e as suas ideias. Porém, se sentem que recebem o apoio do Orientador, aceitam-no como um dos seus, e ajudam-no como parte da família.

Outro fator importante para esta faixa é a forma como são tratados. Não são inválidos ou crianças, e não podem ser tratados como tal. Como qualquer pessoa sofrem por ser ignorados ou excluídos, mas também sofrem por ser sobrevalorizados, relembando-se constantemente do que eram e do que são.

Ouvimos várias frases como “o que eu fazia antes”, ou “quando eu era novo”. Essas vivências são o que os constitui, assim como a todos nós. O passado cria o nosso

presente assim como o presente proporciona imensos futuros. Eles moldam o meu futuro tanto como eu moldo o deles.

No Natal, a turma estava um pouco abalada. Uma aluna estava de baixa por uma queda num degrau do teatro. Todos sentiam o peso daquela falta e lembravam a sua debilidade e expressavam receio de não estar presentes na estreia por operações que iriam fazer, pela sua saúde ou pelo covid.

Propus uma prenda natalícia que consistia numas caixinhas de origami que tinha dentro uma frase que os inspirasse. As caixas foram escolhidas aleatoriamente por eles, mas a frase correta chegou ao seu dono. O espírito da turma rejuvenesceu com este gesto. Na minha opinião, esta prendinha mostrou-lhes que eram desejados e que naquela comunidade eram importantes.

O respeito é mútuo porque ambas as partes o merecem, mas por vezes, apenas é reconhecido quando ambas as partes o demonstram claramente.

Aceitação:

Passei a vida a ouvir a expressão, “deixa-me estar assim”, mas só a compreendi com este grupo. Esta frase pede que não se force novas perspetivas às suas. Existem coisas que fogem da sua compreensão, coisas que por terem sido tantos anos de uma certa forma, não querem que mude. Podiam querer tentar, mas não querem e têm direito de permanecer assim.

Reuni ao longo das sessões alguns temas que considero que deviam ser tratados com atenção, colocando-os ao dispor dos participantes, debatendo-os apenas se mencionados ou interpelados pelos eles, ou se a nossa ideia for assumir esse problema e explorá-lo. Considero que estes temas podem ser polémicos entre as várias gerações com opiniões diversas, por exemplo: a identidade sexual, que ainda não era aceite no seu tempo, e que continua a tomar novas proporções todos os dias, tornando a mudança difícil de acompanhar; a política, que, graças à histeria dos média se torna cada vez mais confusa e dispersa; as doenças, que levam a uma série de comparações, de que problemas têm, tiveram ou ouviram existir; entre outros assuntos.

Objetivo:

Para as sessões senti que a existência de um objetivo claro, foi imperativa. Por enquanto que nas crianças procuramos um entusiasmo constante nos exercícios, e os adolescentes e adultos, vão buscando esse entusiasmo diário, senti que com os Sêniores precisamos de um objetivo claro como um espetáculo os entusiasmos mais do que a ideia de terem aulas de teatro.



Primeira aula. Fotografia tirada pela Coordenadora da Universidade Sénior Saber Maior, Marisa Moura



Aulas de Texto



Cartaz do Espetáculo Final



Ensaios



Prendas de Natal com frases de esperança

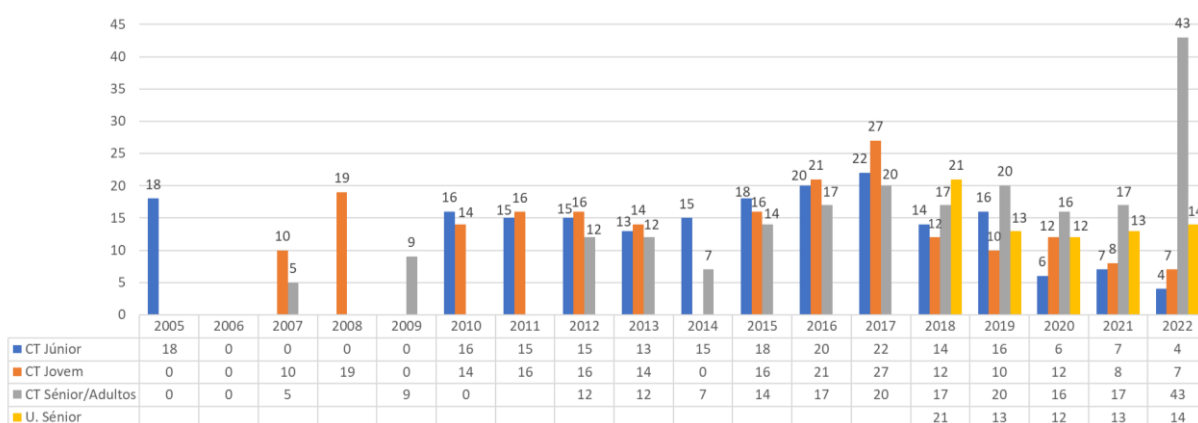
Clubes de Teatro

Os Clubes de Teatro têm como objetivo suscitar o gosto pelo teatro e pelas práticas artísticas, dando a conhecer o universo teatral e as possibilidades fantásticas que este encerra. Neste sentido, pretende-se que crianças, adolescentes e adultos experimentem os diversos mecanismos que compõem o espetáculo teatral de forma a adquirirem ferramentas e competências que possam ser utilizadas no seu dia-a-dia.

Através da prática artística, pretende-se proporcionar a todos os participantes dos clubes, experiências pedagógicas que acrescentam valor, tanto a nível pessoal como profissional.¹⁷

A atividade regular de Clubes de Teatro no teatro da garagem teve início em 2005, contendo ainda nos Clubes atuais alguns dos membros iniciais destes grupos. Todos os anos costuma haver um Clube de Teatro Júnior, um Clube de Teatro Jovem e um Clube de Teatro Adulto¹⁸.

No seguinte Gráfico podemos observar o número parcial de inscrições dos clubes e da Universidade Sénior. Estes dados foram recolhidos dos ficheiros do SE do Teatro da Garagem a partir das inscrições dos participantes, das folhas de sala e presença existentes, não havendo uma forma uniforme de conseguir a informação dos vários anos, deixando alguns espaços vazios na tabela.



Passo então a considerar os dados a partir 2015, assumindo que até 2015 os dados não sofrem alterações significativas. Podemos que há um crescente número de participantes, com uma maioria Jovem e Júnior até 2017, passando a haver uma

¹⁷ Descrição facultada pela companhia na inscrição para os Clubes de Teatro

¹⁸ Este Clube foi inicialmente chamado Clube de Teatro Sénior, a pedido dos participantes o nome foi alterado, visto que as inscrições para o Clube começavam a partir dos 18.

predominância de Adultos de 2018 até ao ano de 2022, atingindo o seu pico nesse ano com 43 participantes.

Desde o início da pandemia, 2020, até ao final do estágio, os participantes Juniores e Jovens têm vindo a diminuir, tendo em 2022 surgido a necessidade de juntar os dois clubes num. Na pandemia as crianças foram isoladas, para proteção, ao passo que os Adultos sentiram esta necessidade de sair, experimentar e fazer algo.

O clube que acompanhei em 2022 foi o Clube de Adultos A, orientada por Tiago Vieira, em que eu fazia apoio de produção e o ocasional ponto.¹⁹ Este grupo começou com 24 alunos, acabando com 20. Refiro-me à pandemia anteriormente pois foi um fator importante no desenvolvimento das sessões com este grupo.

As sessões tiveram lugar aos sábados, das 14h às 16h, informação que esteve presente antes e durante a inscrição. Ao contrário do que era de esperar, tivemos uma média de 15 alunos por sessão. No ano anterior, a pandemia tinha proporcionado várias opções que numa sessão presencial não poderia permitir, por exemplo, viajar, ir às compras, estar na cama ou no sofá, estar nas redes sociais, falar com amigos e familiares, entre outros. Tudo estava ao alcance de todos durante 24h, e, tudo era desculpa para desligar o microfone ou a camara.

Nas sessões presenciais, esse luxo foi revogado e nem todos conseguiram readaptar-se totalmente a ele. Tivemos faltas porque os participantes iam ver espetáculos ou exposições, ou porque um familiar ia festejar o aniversário, ou porque não apetecia sair de casa e, claro, as novas e plausíveis faltas dos infetados pelo Covid-19. Os participantes desejavam ocupar o espaço quando estavam pressupostos a tal, queriam ouvir apenas quando lhes convinha, e falar quando apetecia, parecia que queriam que a vida fosse uma televisão, controlada por um comando, podendo tirar o som ou passar o dia para a parte mais interessante.

O projeto começou com uma grande pancada de realidade dada pelo Tiago Vieira, que inseriu uma sessão corporal exaustiva e ativa. Ao passar das sessões, as faltas desmotivavam os participantes e o orientador. Senti, no entanto, que numa fase mais final, em que já tinham os movimentos e frases mais conseguidos que a motivação cresceu, acabando com as faltas até ao espetáculo.

¹⁹ Profissão teatral que sussurrava as falas aos atores que as repetiam em palco.

Este projeto ajudou-me a perceber que todos fomos afetados bruscamente por esta pandemia. Uns de modos mais bruscos, outros mais subtis, mas algo mudou. Reina a impaciência, a insensibilidade e o facilitismo.

As pessoas tornaram-se mais sensíveis aos seus problemas e menos aos da comunidade alheia, neste exemplo em concreto, os participantes tomaram por garantido a sua participação, faltando por momentos alheios, esquecendo que tanto o orientador, como eu e a Mariana e os restantes colegas, precisávamos da sua presença para construir um espetáculo.

O mesmo exemplo serve para explicar o facilitismo da sociedade. Queriam fazer tudo certo sem repetições, brilhar em palco sem esforço, ter texto decorado após a leitura do mesmo.

Se durante as oficinas os alunos se tornarem cansados e por demais indisciplinados, isto é um sinal de alerta. Será necessário um novo foco. Termine o que está fazendo **IMEDIATAMENTE** e use algum jogo que possa reunir o grupo novamente por meio do envolvimento na atividade em vez de exigir disciplina. É mais divertido dessa forma. Permita que os jogos teatrais realizem o controle por você.”

Escreve Viola Spolin no seu livro de jogos teatrais. Apesar de se estar a referir a aulas para crianças, este exemplo é extremamente adequado para adultos. Se algo não está a funcionar, porquê continuar o exercício. Como adultos habituamo-nos desde a escola a aguentar ou a fazer o que não gostamos só para não deixar alguém ficar mal, porém, existem sinais voluntários e involuntários que mostram que existe falta de motivação num exercício ou numa sessão. Como orientadores ou professores existe o dever de pesquisar e procurar outras formas de chegar ao mesmo fim, de forma a que o aluno/participante consiga retirar os mesmos conteúdos da sessão.

O espetáculo final dos Clubes acabou com uma plateia em pé, vários comentários e um comentário interessante do instagram:

Precisei beber uma cerveja pra me recuperar. O negócio é o seguinte; a arte definitivamente tem o poder de adiar o fim do mundo. (...) Corpos

abandonados que dançam". Esse é o nome do espetáculo. Fala de traumas, fala de infância, fala de corpos, abandonos, fala sobre o tu, o nós, o vós, o eles e tudo o que diz respeito ao processo de sermos quem somos. Descobri, bem ali da plateia, que "meu corpo é a catedral dos meus fantasmas". Descobri que deixei uma taça de vinho no chão da minha casa e que preciso ter cuidado pra não pisar nela. É frágil e perigoso. Texto inteligente, profundo, tocante e necessário. Arranca riso, arranca lágrima, arranca pele e arranca alma. E é a alma que arrepiá. Esse teatro torna-se meu preferido no mundo. É oficial. Parabéns à todos pela entrega. A Arte é antídoto. A arte salva!²⁰

Apesar desta última euforia tanto por parte do público, como por parte dos participantes este foi o único projeto do qual não senti tanta empatia. Tive empatia pelos participantes, pelos meus colegas e pelo encenador, porém, não tive nenhuma empatia com o processo ou o projeto final.

Os ensaios pareciam uma luta para afastar o inevitável esgotamento do grupo que não se conseguiu unir como comunidade, e quando o faziam, pareciam ser pequenas comunidades longe do encenador. Por mais que no último mês tenham conseguido começar essa união, senti que este foi um projeto longe de ser comunitário, mas sim, um projeto COM a Comunidade.

²⁰ Encontra-se em <https://www.instagram.com/p/Cfj-o5JjBcg/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D>

Conclusão:

Sendo uma companhia experimental, o Teatro da Garagem experimenta e pesquisa constantemente novos métodos para adequar cada projeto ao que dele é pedido.

No Projeto de Teatro no Recreio, Sofias, cria cada espetáculo com um fim pedagógico específico para cada faixa etária e escola. No Ao Palco, criou um projeto contínuo de forma a seguir as crianças e ensinar-lhes simples valores de forma lúdica, unindo-os mais aos próprios professores que os veem com outros olhos.

Numa faixa etária mais avançada como a da Universidade Sênior foca-se em dar aos participantes um objetivo, fazendo-os caminhar por etapas que treinam comunicação, socialização e corpo, promovendo um envelhecimento feliz.

No meio das duas anteriores, os Clubes colmatam todos os ensinamentos. O facto de todos os anos os participantes terem a oportunidade de lidarem com encenadores convidados, treina a agilidade, resistência a mudança e, dependendo do encenador, ou cultura, ou corpo, ou voz, ou um pouco de cada.

A ideia de Teatro Adequado não é nova. Todos os livros de pedagogia, de jogos teatrais, e artigos direccionados a pedagogia ou a teatro, procuram isso mesmo, isto é, procuram com diferentes métodos adequar o seu trabalho às comunidades a que se dedicam.

Um orientador de Teatro e Comunidade tem que ser flexível, pesquisando constantemente formas de auxiliar as suas comunidades surpreendendo-os com o que a sociedade lhe retirou, empatia, e a expectativa de serem os melhores.

Bibliografia

Teatro de Identidades (2014) Teatro e Comunidade. *Projeto de Investigação com Sêniores*. 1ª Edição (Coedição da Escola Superior de Teatro e Cinema e Câmara Municipal da Amadora)

ATUNES, M. & Leandro, M. (2016) (Capítulo) *Envelhecimento. Perspetivas, projetos e práticas inovadoras*. 1ª Edição (Edições Húmus, LDA)

BOAL, Augusto (1982), *200 jogos para atores e não-atores* (4ª edição) Editora Civilização Brasileira

BONFIM, J. (2016) (Artigo) *A importância no Teatro na Terceira Idade*. Acedido a 30 de Dezembro de 2021, em [Artes cênicas ajudam idosos a superar limites \(gazetadopovo.com.br\)](http://gazetadopovo.com.br)

FREINET, Célestin, (trad.) Batista, J. (2004) *Pedagogia do Bom Senso* (7. Edição. Livraria Martins Fontes Editora Ltda)

PESSOA, CARLOS J. (2020) *Breve reflexão sobre Teatro em tempo de pandemia: ensino e prática cênica*. In *Associação Portuguesa de estudos Classicos Boletim de Estudos Clássicos* 65, em https://doi.org/10.14195/2183-7260_65_0

ROSENTHAL, Robert; LENORE, Jacobson (1965), *Pygmalion in the Classroom*, IN *The Urban Review* (September 1968) - <https://sites.tufts.edu/tuftsliteracycorps/files/2017/02/Pygmalion-in-the-Classroom.pdf>

SPOLIN, Viola, (trad.) Koudela, Ingrid D. (2008) *Jogos teatrais, O Fichário de Viola Spolin* (2ª ed). Perspetiva

SPOLIN, Viola (1986) *Jogos teatrais para sala de aula: Um manual para o professor* [tradução Ingrid Dormien Koudela] – 1 reimpr. Da 3ª ed – São Paulo: Perspetiva, 2017

Webgrafia:

Anonymous. *Aula 11 Efeito Pigmaleão*. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/63151/2/83470.pdf>

Barros, José. *Efeito Pigmaleão* - <https://docplayer.com.br/784926-Aula-11-o-efeito-pigmaliao.html>

Canal Maior. (2021) *Porta Adentro – Teatro da Garagem* https://www.youtube.com/watch?v=nuvLTTqtnII&ab_channel=CanalMaior (acedido por última vez a 27.02.2022)

CRUZ, Durte Ivo (E-Cultura). *O teatro Taborda, um sobrevivente* https://www.e-cultura.pt/patrimonio_item/13953 (acedido por ultima vez a 27.02.2022)

Direção Geral das Artes. *Teatro da Garagem (Teatro Taborda)* <https://www.dgartes.gov.pt/pt/entidade/1164> (acedido por última vez a 27.02.2022)

Eurocid. *Semana do Passaporte Escolar*: <https://eurocid.mne.gov.pt/eventos/8-9-e-10-de-maio-semana-do-passaporte-escolar-2022> (visto a 12h a 19/08/2022)

Instituto de educação por experiência e prática. *Efeito pigmaleão*. <https://www.ieepeducacao.com.br/efeito-pigmaleao/>

Rua das Gaivotas, *Tiago Vieira* - <https://ruadasgaivotas6.pt/?team=tiago-vieira>

Santa Maria Maior, *Saber Maior* - <https://www.jf-santamariamaior.pt/sabermaior/>

Teatro da Garagem. *Sobre*. <https://www.facebook.com/teatrodagaragempt/> (acedido por última vez a 27.02.2022)

Teatro da Garagem. *Sobre nós*. <https://teatrodagaragem.com/sobre-nos/> (acedido por ultima vez a 27.02.2022)

Anexos

Anexo 1 - Tabela com excertos do Historial do SE do Teatro da Garagem

Ano	Data	TIPO DE ATIVIDADE	espaço da atividade	Mais informações	participantes
2007	JAN a JUN	<i>Clube de Teatro Júnior</i>	Teatro Taborda		Dirigido por Miguel Mendes
	JAN a JUN	<i>Grupo de Teatro para Adultos</i>	Teatro Taborda		
	JAN a JUN (apresentação em NOV)	<i>Clube de Teatro Sénior</i>	Teatro Taborda		<i>Dirigido por Maria João Vicente e Fernando Nobre. 5 participantes</i>
	23 a 25 de JAN	<i>Babel (PORQUE É QUE ISTO ESTÁ NO SE)</i>	Hannover, Alemanha,	Oficina plenária	
	23 JAN a 28 JAN	Reunião Geral para o projeto	Teatro Taborda	Reunião Geral para elaboração do Projeto Internacional de Teatro para a Infância e Juventude Babel, ou estamos a construir uma casa	
				CONVITES DIZIAM: "Um dia no teatro". Atividade destinada às Escolas do Ensino Básico do Bairro, no âmbito do projecto <i>Este é o Nosso Bairro</i> . promovido pela Direcção Municipal de Conservação e Reabilitação Urbana da Câmara Municipal de Lisboa.	dirigida por Maria João Vicente. Participaram 7 escolas
	MAR	<i>Uma Vistia ao Teatro</i>	Teatro taborda		

Ano	Data	TIPO DE ATIVIDADE	espaço da atividade	Mais informações	participantes
2019	OUT 2019 a JUL 2020			Saber Maior – Universidade Sénior de Santa Maria Maior (<i>Oficina de Teatro</i> , dirigida por Maria João Vicente , Unidade Curricular) [OUT 2019 a JUL 2020 Junta de Freguesia de Santa Maria Maior]	dirigida por Maria João Vicente
	OUT 2020 a JUL 2021			Falar Claro - Saber Maior – Universidade Sénior de Santa Maria Maior (Oficina de Teatro, dirigida por Ana Palma, Inês Pereira e Rita Monteiro, Unidade Curricular) [OUT 2020 a JUL 2021 Junta de Freguesia de Santa Maria Maior e Online]	dirigida por Ana Palma, Inês Pereira e Rita Monteiro
2020	07 JUN;20 JUN;MAR a JUL	<i>Clubes de Teatro</i>		Clubes de Teatro: (8 DESITÊNCIAS DOS CLUBES) • Clube Júnior – 07 JUN 2020 (12 participantes) • Clube Jovem – 20 JUN 2020 (12 participantes) • Clube Adulto – dirigido por Ana Palma, Inês Pereira e Rita Monteiro, Grupo de Teatro para adultos [MAR a JUL 2020 Online] (18 participantes)	

Ano	Data	TIPO DE ATIVIDADE	espaço da atividade	Mais informações	participantes
2021		Teatro No Recreio	Escola EB1 do Castelo	(Espetáculo na Escola EB1 do Castelo) (encenado por Ana Palma.	Palma. Interpretação Ana Dias e Mariana
			Escola EB1 do Castelo	Teatro No Recreio – Sofias (Espetáculos na Escola EB1 do Castelo)	
			Escola EB1 do Castelo	Ao Palco (Oficina de Teatro com duas sessões semanais na Escola EB1 de Santa Clara. 9 turmas com uma média de 20 alunos.)	
2022		Clube de Teatro Jovem + Júnior		Clube de Teatro Jovem + Júnior – 10 inscrições ?? orientação Catarina Teixeira. Assistência Ana Palma	orientação Catarina Teixeira. Assistência Ana Palma
		Clube de Teatro Adultos		Clube de Teatro Adultos – 24+19= 43 – Orientação Tiago Vieira. Assistência Ana Dias e Mariana Índias	Orientação Tiago Vieira. Assistência Ana Dias e Mariana Índias
				Universidade Sénior – Variedades (14 participantes. Encenação Carlos J. Pessoa. Orientação Ana Palma, Ana Dias e Mariana Índias.)	(14 participantes. Encenação Carlos J. Pessoa. Orientação Ana Palma, Ana Dias e Mariana Índias.)

Anexo 2 – Guião Final de Uma turma de Segundo Ano do Ao Palco

CENA 1

Mariana: Hoje vamos contar uma história que ainda não aconteceu. Os nossos atores receberam uma mensagem do futuro sobre o primeiro encontro entre os Lunáticos e os Humanos.

Tudo começa numa sexta-feira de manhã, quando um grupo de cientistas está muito aborrecido pois já inventaram muitas coisas e já não sabem o que inventar mais. **(cada um diz o que inventou por grupos)**

Eu inventei...

1 - um unicórnio de metal que vai até à Lua.

2 - um dente para a lua

3 - uma máquina de fazer pokémons

4 - Prancha até à lua

5 - máquina pikachus

TODOS: Ahhhh

6 - casa com pernas

7 - lançador de teia

8 - lançador de basquet

(Não há 9)

10 - (ele come pizza)

Todos: Humm

11 - máquina que faz unicórnios que vai até ao infinito

12 - sanita voadora

13 - luva que dá para subir nas paredes

14 - pikachu voador

15 - maquina de naruto

16 - maquina para ir até (à lua e) ao sol

Todos: Uhhhh

17 - parede que brilha

18 - thanos que tem a manopla do infinito Vs o Naruto

19 - bancada que diz batata frita

20 - makina de dark charizard

21 - sanita dourada

24 - máquina que manda bolas de futebol

22 - homem aranha

Todos: Palmas

23 - livro que fala

Mariana: Até que tiveram uma ideia!

Todos: Qual?

Mariana: Decidiram ir à agência de viagens “Viagem sem Bagagem”, comprar uma viagem para a Lua.

Todos: Ah!? Não há viagens para a Lua!

Mariana: Ai não!?

Todos: Não!

Mariana: Ah! Ao olharem uns para os outros (**cara pensativa**), eles souberam o que fazer. Construir o foguetão para os levar até à Lua.

CENA 2

(Música do video da Mariana com 1 movimento de construção)

(Viagem para a lua -> video foguetão + montanha russa)

Ana: Chegaram à Lua, e tiveram uma grande surpresa!! A Lua não era como eles pensavam...a Lua estava habitada!!

Os Lunáticos, os habitantes da Lua, ao verem os cientistas congelaram de medo. -
Atores! Precisamos de Lunáticos! (eles separam-se e congelam)

CENA 3

Mariana: Sente-se uma grande tensão no ar. Mas para evitar uma guerra cada grupo decide fazer uma reunião.

(fazem dois grupos a fingem conversar em círculo)

Mariana: Depois de muito conversarem chegaram a três soluções.

Mariana: Opção número 1. Fingir que não veem ninguém. Opção número 2. Bebem todos um chá e Opção número 3. Tentam comunicar por gestos

Mariana: Depois de muito pensar, decidem tentar comunicar por gestos.

CENA 4

(Jogo da mímica em grupo até que alguém fala - musica charlie chaplin?)

- Xixi!

- AH! Tu falas!

- Tu também!

(todos se riem)

Ana: Descubrem que afinal não são tão diferentes como pensavam. E estavam muito felizes por conviver. QUANDO DE REPENTE apareceu uma nave espacial vinda neptuno para conquistar a Lua. Mas os viajantes e os Lunáticos, uniram-se e gritaram:

- Aqui não há guerras, somos todos iguais!!!!

Mariana: Os habitantes de Neptuno decidem juntar-se aos outros e fazem uma grande festa! (agradecimentos)

Anexo 3 – Excerto da peça criada pela Universidade Sénior

(...)

(No gabinete do contabilista: O gabinete abre às 9 mas às 8 eles já estão no gabinete, a preparar papeis. Gil fala, Eduardo/Conceição confirma)

Gil - Pois é, senhoras e senhores!

O meu nome é Sr Inteligência a Mais, sou TOC, contabilista, trato de documentos financeiros e tudo o mais. Faço a sua contabilidade, a dos filhos e dos pais...

Comigo tudo em ordem e a preceito, não sei trabalhar de outro jeito.

Se o problema estiver embicado, já sabe, sou capaz de cobrar mais um bocado.

No gabinete do Senhor Inteligência a Mais, Tratamos-lhe do IRS, das heranças e tudo mais.

Um contabilista não engana ninguém, podem é pensar que pagam 20 e acabam por pagar 100...

É, ou não é, Eduardinho? (aponta para o Eduardo) o meu assistente sossegadinho...

Eduardo - É, claro que é, patrão... aqui é tudo sério, ninguém mete a mão!

Gil - Bom, são 8 Horas, vamos abrir o negócio, que para nós não caiu uma vida de ócio! Ah, as irmãs Lacerda vêm logo de madrugada... valha-me Nossa Senhora da Carne Estufada! Cheira-me a problemas, temos de usar de todos os esquemas!

(Irmãs entram em cena)

Helena (*para público*) - Bom dia, somos as irmãs Lacerda, viemos tratar de partilhas e isto vai dar muita merda! (*irmãs aproximam-se do gabinete do contabilista*)

Gil - Ora muito bom dia, irmãs Lacerda! Que bonitas estão! Em que vos posso dar a mão?

Helena - Cuidado aqui a dar a mão, senão ainda lhe ficam com um braço... estamos aqui a tratar de partilhas, a minha irmã que é uma gulosa, pensa que é feita de aço... mas eu já lhe mostro que eu sou cabeça de casal! Ela diz que faz o que quer, e eu não acho isso muito normal!

Gil - Não se zanguem, manas Lacerda! Aqui estou eu para evitar que isto dê merda! (...) Antes de para casa voltar, a cabeça de casal vai ter de me pagar! Ora bem, duas horas, 55 à hora, 110 euros com iva, 120... com desconto!

Celeste - É um roubo! Está-me a ouvir? Ou está a disfarçar?

Gil - Não, eu oiço. Estou é a contabilizar...

Cristina - Ai, onde isto vai parar...

Helena - Já chega... vamos irmãs, não toleramos mais isto! (*vira-se para Gil*)
Ó EVARISTO TENS CÁ DISTO? (*faz-lhe um manguito e saem a correr*)

Cristina - Queres dinheiro, vai ao ToTTa!

Celeste - Olha este, a fazer batota....

(*saem as irmãs*)

Gil - Vês, Eduardinho? Agora odeiam-me mais do que a elas próprias, um cliente que ficou satisfeito com o serviço... estamos cá para isso...!